

A LÓGICA SUBJACENTE NOS CONTOS E CAUSOS: SABERES TRADICIONAIS E O IMAGINÁRIO

*THE UNDERLYING LOGIC IN THE TALES AND STORIES:
TRADITIONAL KNOWLEDGE AND THE IMAGINARY*

Marivaldo Aparecido de Carvalho
Rosana Passos Cambraia

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM
marivascarvalho@gmail.com, rosacambraia@gmail.com

RESUMO

O imaginário popular permeia o real vivido, reescreve a lida da vida, seus jeitos, hábitos e situações. Os contos e causos estão inseridos numa sociabilidade ampla e complexa, cultural, natural, que se substancializa no cotidiano. O estudo busca compreender o imaginário de moradores de três comunidades rurais de Minas Gerais sobre o seu meio ambiente e como esse imaginário se associa aos impactos socioculturais que vivenciam, seja devido ao monocultivo de eucalipto ou as unidades de conservação. Esse encontro de grupos sociais que se diferenciam sócio-culturalmente, principalmente no que se refere às representações da natureza, possibilita uma análise das representações sociais sobre locais considerados patrimônios naturais, pertencentes à humanidade. Para tanto, nos questionamos sobre a capacidade do imaginário que a população local tem para resistir a esse impacto. Tais elementos de comparação nos permitem uma análise antropológica, dos elementos ideológicos que envolvem o mundo urbano e o mundo rural, e com a característica marcante da opressão do primeiro sobre o segundo.

Palavras chaves: Contos. Imaginário. Natureza. Saberes tradicionais.

ABSTRACT

The popular imaginary permeates the lived reality, rewrites the daily life, its ways, habits and situations. The tales and stories are embedded in a broad and complex sociability, cultural, natural, that is substantialized in everyday life. The study seeks to understand the imagination of residents of three rural communities of Minas Gerais, Brazil, about their environment and how this imaginary is associated with the socio-cultural impacts they experience, whether due to eucalyptus monoculture or the conservation units. This meeting of social groups that differ socio-culturally, especially with regard to representations of nature, enables an analysis of social representations on sites considered as natural heritage, belonging to the humanity. To that end, we wonder about the capacity of the imaginary that the local population has to resist this impact. These elements of comparison allow us an anthropological analysis of the ideological elements that surround the urban world and the rural world and with the striking characteristic of the oppression of the urban over the rural.

Key words: Tales. Imaginary. Nature. Traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

As relações do mundo humano, em comunidades rurais de traços culturais tradicionais, destacam-se como as do vale do Jequitinhonha e do sul de Minas Gerais, com o mundo dito natural. As representações sociais que se forjam dessa relação, os contos coletados junto aos moradores mais antigos, nos possibilitam traçar um estudo compreensivo do imaginário humano sobre o seu meio ambiente, “o seu lugar”. O imaginário incorpora o natural num processo de antropomorfização do mesmo, e assim também como uma “naturalização” do homem.

O objetivo deste estudo é compreender o imaginário dos moradores das comunidades de Bairro da Pedra (Aiuruoca, MG), Padre João Afonso (Itamarandiba, MG) e São Gonçalo do Rio das Pedras (Serro, MG) sobre o seu meio ambiente e como esse imaginário foi se perpetuando, se modificando, e, principalmente, como este imaginário vem se relacionando com o impacto sociocultural provocado pelo crescimento e pela fixação de moradores de origem urbana (principalmente em Gonçalo do Rio das Pedras e Bairro da Pedra), e a presença de eucaliptos (monoculturas extensas como em Padre João Afonso), além da presença de áreas de preservação que atingem os três locais estudados. Este é o foco central do trabalho.

Com a crescente preocupação ecológica, as áreas que são consideradas santuários ecológicos sofrem interferências de poderes públicos ou organizações não governamentais (ONG's), fundações, etc.; isto gera, inevitavelmente, conflitos entre o saber científico e o saber tradicional (DIEGUES, 1996). De um lado se apresentam os cientistas modernos, que se arrogam o poder de definirem a melhor maneira, ou a mais correta, para preservação da natureza, não levando em consideração as práticas seculares que regeram e regem as atividades das populações tradicionais, no que se refere às técnicas de cultivo, corte de madeiras, etc., criando-se assim uma atitude preconceituosa em relação a estas populações.

Acreditamos também que estas práticas tradicionais de ‘manipulação’ da natureza estejam intimamente relacionadas com as representações que essas comunidades tem sobre o seu espaço. A concepção de espaço se apresenta como uma extensão cultural do grupo, que se reconhece como diferente, em relação a outros grupos sociais; assim, as sociedades ditas tradicionais se localizam como grupos autônomos, apesar da permanente comunicação com os centros urbanos, mesmo incorporando tecnologias de lá vindas: antenas de televisão paga, energia elétrica, internet, celular, etc.

Ao trabalharmos com a memória dos/as moradores/as mais velhos/as do local, e o modo de vida antes da monocultura de eucalipto e dos parques de preservação, e a mudança depois, indagando se o modo antigo, ainda percebido pelos moradores/as, pode gerar mecanismos culturais que resultem em práticas sociais de resistência e manutenção dos valores que coordenam(vam) o mundo moral da economia camponesa, antes da chegada do ‘estranho’ (monoculturas, parques, etc.).

Refletimos sobre “*as maneiras de pensar [...] não apenas o que as pessoas pensavam, mas como pensavam – como interpretavam o mundo, conferiam-lhe significados e lhe infundiam emoção.*” (DARNTON, 2011, p.13). Compreendemos que uma maneira de pensar, de conferir significados e emoções em relação ao lugar onde se vive, constitui o sentido dos contos e causos. Contos e causos serviam para pensar. Sentir como a vida comum exigia uma estratégia.

Aspectos teóricos

Darnton nos demonstra, em seu livro ‘O grande massacre dos gatos’, que os contos representavam a dureza da vida, o trabalho, a fome, as doenças e deformações,

neste sentido eles tinham uma função de sinalizadores sociais, sinalizavam para seus ouvintes e contadores que a vida era dura.

As famílias dos camponeses não podiam sobreviver, no Antigo Regime, a menos que todos trabalhassem, e trabalhassem juntos, como uma unidade econômica. Os contos populares mostram, constantemente, pais trabalhando nos campos, enquanto os filhos recolhem madeira, guardam as ovelhas, pegam água, tecem lã, ou mendigam. Longe de condenarem a exploração do trabalho infantil, ficam indignados quando não ocorre. (DARNTON, 2011, p.54)

Neste sentido os contos representavam um acúmulo de experiência sobre o viver e seus percalços, experiência repassada entre pais e filhos/as por gerações, em torno do fogo em rodas de conversa, os contos eram narrados em torno de lareiras, nas cabanas dos camponeses, durante as longas noites de inverno, *“as histórias pertencem sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas.”* (IDEM, p.32). O narrador (cantor) cria seu texto ao narrá-lo fazendo novos caminhos através de velhos temas (a diversidade na forma de narrar uma mesma história). As maneiras como os narradores contam histórias fornecem pistas quanto a sua maneira de encarar e ver o mundo. As histórias são boas para pensar.

Reelaboravam-nas à sua maneira, usando-as para compor um quadro da realidade, e mostrar o que esse quadro significava para as pessoas das camadas inferiores da ordem social. No processo, infundiam aos contos muitos significados, cuja maioria se perdeu, porque estavam inseridos em contextos e desempenhos que não podem ser reconstituídos. (DARNTON, 2011, p.93).

O conto e o contador e o ouvinte estão inseridos numa sociabilidade ampla e complexa, com seus aspectos culturais, naturais, que se substancializam no cotidiano vivido. O alinhamento de histórias de vida, a prática de narrar a atualidade da memória circunscreve a realidade social de uma comunidade e de seu espaço.

Não cabe a esse texto realizar uma tarefa de catalogação dos contos, ou de uma leitura interna do conto buscando suas bases estruturais, mas sim desenvolver uma análise em que se destaquem as relações do trabalho na comunidade e como essas relações são pensadas nos contos. Ou seja, vincular o conto à percepção que a comunidade tem da organização social trabalho. Mas, mesmo assim, cabe fazer menção aos ‘tipos’ trabalhados por Propp, para tanto citamos Lima (1985):

Trabalhando em uma amostra selecionada ao acaso, de cem contos maravilhosos russos, Propp verificou que pela análise de funções estruturais se poderia estabelecer um índice confiável de tipos, confirmando pertencerem a um mesmo grupo todos os contos estipulados em sua amostra. Descobriu que no conto maravilhoso observam-se trinta e uma funções possíveis, assinalando que a ausência de algumas delas não compromete a ordem das que permanecem nem seu ou seu reconhecimento enquanto tipo estrutural. São estas as funções: afastamento, proibição, e transgressão, interrogatório e informação, logro e cumplicidade, dano (ou carência), mediação, início da ação contrária, partida do herói, função do doador e reação do herói (prova), recepção do objeto mágico, deslocamento no espaço, combate, marca do herói, vitória, reparação do dano ou carência, retorno do herói, perseguição e socorro, chegada incógnito do herói, pretensões do falso-herói, tarefa difícil e tarefa cumprida,

reconhecimento do herói e descoberta do falso-herói, transfiguração do herói, casamento (recompensa). (LIMA, 1985, p.16).

Nos propomos nas análises dos contos coletados perceber as relações entre as manifestações do imaginário social, representadas nos contos, e a percepção do trabalho como categoria moral e ontológica do ser humano. Imaginário e trabalho.

[...] um dos fenômenos corriqueiros da sociabilidade rural – as debilidades de feijão – como propiciatórias dessa prática, para qual o contador se lançava com risco e responsabilidade, assumindo as falhas de sua memória pessoal e deixando prevalecer o gosto mais geral e livre fabulação. (LIMA, 1985, p. 25).

Segundo a autora citada, o momento de narrar o narrador muitas vezes se ‘aproveitava’ de uma tarefa, de um trabalho, que pela sua particularidade, deve ser realizado de forma coletiva, como a debilidade do feijão. Vinculando o conto a narração com a forma social do trabalho.

[...] os contos populares, as modas de viola, as adivinhas (...) não podem ser entendidas mediante a aplicação pura e simples dos métodos (...) que supõem na obra uma relativa autonomia, pois, mesmo quando transcritos, não são textos decifráveis diretamente. Não podem ser desligados do contexto, - isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas. (CANDIDO, 1975, p.48-49)

Os contos tradicionais populares trazem traços de linguagem local, presença do cotidiano, recorrências de um imaginário regional. O contador/a é como um ponto catalizador de saberes socialmente elaborados pela comunidade. O narrador/a tem a capacidade de organizar um saber, ser um agente de transmissão e por isso mesmo ser respeitado pela comunidade.

O mundo do conto não poderia ser outro, senão um mundo mesmo do popular. Mundo sem pátria, ou além de qualquer pátria, porque fundado sobre a linguagem coletiva. Mundo diversificado, aparentemente fragmentário, mas fecundo em sua heterogeneidade de formas. Resistentes em suas normas e valores, intercomunicante em seu imaginário, e versátil. O mundo do contador é sua História, riscada também nas histórias que aí se contam” (LIMA, 1985, p.48)

Para tanto se faz necessário compreender o trabalho com a terra, o trabalho do lavrador camponês e sua conexão objetiva com a natureza. Em nossas reflexões sobre essa temática indicamos que há por parte do lavrador/a a percepção que os frutos, as hortaliças, o leite, enfim, o resultado do trabalho do lavrador se traduz como uma troca entre o trabalhador/a rural e a terra, uma troca irmanada pelo alimento, pois compreende-se que ao trabalhar a terra o lavrador alimenta essa terra, educa a terra e, por outro lado, a terra, em resposta, ‘dá o alimento’. Nos parece que essa noção necessária da troca, que se expressa, no sentido e na organização do trabalho camponês, permeia vários aspectos da vida social e cultural com a sua comunidade, como as festas tradicionais, onde a as trocas dos alimentos é um fato notório, assim como nos contos aqui coletados. Todos os três contos apresentados trazem a noção moral do trabalho, o trabalho é uma categoria central nos contos. Outra categoria que permeia os contos é a noção de troca, de um comportamento moral que se sustenta pela necessidade da troca

como forma de institucionalizar, fundamentar um equilíbrio entre a ação humana, enquanto trabalho, e o mundo dito natural que nos envolve.

No conto coletado na comunidade Padre João Afonso (Itamarandiba, MG), o ‘caçador’ decide caçar numa época em que era proibido caçar, ou seja, matar; e comer carne, num momento de não agir, mas de contemplar/espiar o sofrimento de Cristo (Semana Santa).

Além do aspecto religioso evidente, podemos destacar, também, que a proibição se referia ao trabalho do caçador, ou seja, caçar. Percebemos assim a presença da dicotomia trabalho/natureza; como a noção de equilíbrio entre a caça e o caçador. O mesmo se pode dizer do conto coletado no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras (Serro, MG). Nesse conto, o trabalho se apresenta com a condição moral necessária para refazer a vida, e ao mesmo tempo o conto indica a natureza, nele representada pela voz que vinha do cupim (que indica os maus presságios), pela águia (que tira as últimas posses da família) e pelo rio (que separou o pai da mãe, e estes de seus filhos). No conto coletado em Aiuruoca (MG) essa noção ganha evidência em um grau de complexidade mais amplo, pois além de indicar uma relação direta de trabalho/alimento e troca, entre a voz que veio do rio e o pescador, também indica uma relação de troca, significada, pelo sentido da morte: o homem que devia 190 mortes e os 190 pássaros/almas, a troca da carne pelas mortes, e da alma pelo corpo, esse ultimo descendo aos infernos, e a primeira subindo aos céus, indicando uma noção de troca de forma extremamente evidente.

O imaginário enquanto construção do ‘objeto’

Quando nos propomos a identificar o que vamos estudar, pesquisar, nos confundimos com a relação problema social e objeto sociológico. Por tese o objeto de estudo das ciências-sociais tem a sua formulação a partir das relações sociais e das problemáticas dessas mesmas relações. Assim, a problemática social é um dado que se apresenta concretamente (empiricamente), mas que possui uma dinâmica própria, uma ‘substância’ que muitas vezes não é visível enquanto elemento palpável. Em outras palavras o problema social não é em si o objeto sociológico (LENOIR, 1998).

A construção do ‘objeto’ se dá num processo de desvendamento do problema social, que nos impulsiona a uma indagação do mesmo, a duvidar da sua aparência imediata, de sua realidade aparente. Duvidar de uma realidade é antes de tudo, quebrar-lhe a unidade é torná-la fracionária, possibilitando assim, uma multiplicidade de olhares, que vão pensar de formas diferenciadas o ‘real social’, ou seja a realidade empírica.

Podemos afirmar que a realidade empírica nos possibilita muitas vezes um reconhecimento mas,

[...] reconhecer não é conhecer. Facilmente se reconhece o que não se conhece. (...) não se é filósofo se não se tomar consciência, num determinado momento da reflexão, **da coerência e da unidade do pensamento**, se não se formularem as condições da **síntese do saber**. E é sempre em função **desta unidade, desta coerência, desta síntese do saber** que o filósofo coloca o problema geral do conhecimento (BACHELARD, 1978, p.303). Grifo nosso.

Acreditamos que o objeto sociológico precisa também se pensado assim, na busca de uma síntese do saber que nos possibilite conhecer, conhecer este que esteja imbricado com uma coerência, para que possamos nos afastar das representações que acompanham o objeto sociológico.

A primeira dificuldade encontrada pela ciência social reside no fato de se encontrar diante de representações preestabelecidas de seu objeto de estudo que

induziram a maneira de apreendê-lo, defini-lo e concebê-lo. O ponto de partida de toda pesquisa está constituída por representações. Entre estas representações, as que aparecem sob a forma de um ‘problema social’ constituem talvez um dos obstáculos mais difíceis a superar. Os ‘problemas sociais’ são, com efeito, instituídos nos próprios instrumentos que participam da formação de uma visão ordinária do mundo social, formas (categorias operantes/mecanismos) dos organismos que visam a determinação da categoria de percepção e de pensamento que lhe são correspondentes (LENOIR, 1998, p.57).

No que se refere ao empirismo, não devemos confundi-lo com a observação antropológica, pois esta já possui em si elementos teóricos, ela é pensada e assessorada por prerrogativas teóricas. Segundo Bourdieu (1997), a sociologia é uma ciência que deve questionar primeiro seu questionamento, uma ciência que se pergunta e que busca no seu próprio processo de conhecimento a maneira que este mesmo conhecimento se processa, isso tudo para tentar demonstrar a verdade.

Podemos afirmar juntamente com Lenoir, que a análise das correlações de força dos grupos sociais, e das rupturas interna dos mesmos devido essa correlação de força, se apresentam como o objeto do sociólogo. Cabe aqui ressaltar que essas correlações de força produzem novos significados em elementos que, antigamente, de certa forma não eram ‘percebidos’ como instrumentos de resistência, seja cultural ou político. Como por exemplo, podemos citar as festas tradicionais, que se num tempo passado correspondia a uma prática cotidiana e como consequência de seu modo de vida e trabalho, atualmente elas (as festas) representam uma resistência de um imaginário que se sente ameaçado. Diante dos novos conflitos sócio-político oriundos dos constantes contatos entre a população urbana e a rural. Assim as representações do mundo natural se entremeiam no processo sempre conflituoso do homem com a terra, no que se refere ao seu uso e dominação.

Universo empírico

Aiuruoca (‘casa de papagaio’ em Tupi-Guarani), uma pequena cidade encravada nas montanhas do sul de Minas Gerais, próxima aos municípios de Caxambu, Baependi e São Tomé das Letras, é um município onde se destaca o famoso Pico do Papagaio, que contribuiu para os nomes da cidade e de seu rio principal.

Aiuruoca foi fundada no ano de 1706, por João Siqueira de Afonso, fechando o ciclo das primeiras bandeiras que partiam de São Paulo (VASCONCELOS, 1974, p.188). Já na época de sua fundação, o Pico do Papagaio se destacava como ponto de referência geográfico e social:

Aiuruoca, vocábulo de língua brasílica, quer dizer no nosso idioma: Casa de Papagaios, aludindo a um penhasco redondo e elevado aos ares, sobre um dos mais altos montes daquele lugar, em que os papagaios faziam sua morada, naquele tempo em que os gentios habitavam aqueles lugares... (TAUNAY, 1981, p.47)

Assim, o topônimo em si já representa uma leitura humana do espaço, onde a observação empírica se destaca. A região de Aiuruoca é rica em topônimos, muitos oriundos da ação de bandeirantes, outros possivelmente de uma presença indígena no local.

A maioria da população vive nas áreas rurais, onde pratica a agricultura de subsistência (milho, feijão, batatinha, bananas, etc.); a atividade agropecuária se resume na criação de gado para venda do leite, fonte quase única de dinheiro, que hoje decaiu muito devido a presença do parque do Pico do Papagaio, que proibiu o uso comunitário

secular que as comunidades rurais faziam dos campos de altitudes para a alimentação do gado. Com a proibição, a produção de leite teve uma queda drástica levando a população a trabalhar nas várias pousadas que foram abertas nos últimos dez anos. Alguns moradores conseguiram a aposentadoria. Atualmente podemos encontrar nas áreas rurais pequenas fábricas de queijo, revendido para fora; mas a maior parte da produção de queijos se dá de forma artesanal, cada morador fazendo o seu para consumo próprio e venda de excedente, produção também afetada pela presença do parque e de normas sanitárias.

No final da década de 1970 e início de 1980, a região passou a receber muitas pessoas vindas de centros urbanos, atraídas pela beleza natural do local. Tal atração não se deu por uma leitura estritamente ecológica, mas também por uma ótica religiosa, esotérica.

Já a comunidade São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), localizada no alto vale Jequitinhonha, em 2010 (IBGE, 2010) contava com população de mais ou menos 1.500 habitantes. É um distrito do município do Serro (MG), dista 39 Km da cidade de Diamantina e aproximadamente 27 Km da cidade do Serro. Localiza-se no vale do Jequitinhonha, dados históricos indicam que a fundação de São Gonçalo do Rio das Pedras ocorreu em 1729.

O distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras está localizado em Serro/MG, região Nordeste de Minas Gerais a 300 km da capital mineira. A paisagem da região é acidentada, pré cambiana, com serra e rochas metamórficas e quartzíticas. O solo nas serras e chapadas é de areias e cascalho, coberto de cerrado e campos limpos. (SILVA, 2014, p.5).

Atualmente a comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras busca desenvolver uma economia baseada no turismo (o distrito faz parte do circuito da Estrada Real) e em pequenas experiências, mas muito importantes, de valorização da cultura e produtos locais, como por exemplo a tecelagem e produção extrativista. Porém, a oferta de emprego é pequena causando migrações, principalmente de homens para os centros urbanos, principalmente São Paulo e Belo Horizonte.

A vila de Padre João Afonso é um distrito de Itamarandiba (MG), município localizado no alto Jequitinhonha, com aproximadamente 1.000 habitantes e 15 sub-distritos. Apesar de sua denominação atual ser Padre João Afonso, a comunidade ainda mantém seu primeiro nome na memória e no hábito - Socorro é o nome que a comunidade mantém vivo e traduz seu querer pelo lugar.

A população local, apesar das mudanças drásticas ocorridas no seu modo de vida, devido a chegada da monocultura de eucalipto e da influência dos meios de comunicação, ainda possui uma sociabilidade pautada na tradição do modo de ser no vale do Jequitinhonha. Entre estas características podemos citar as relações que a comunidade mantém com os causos, com relatos orais que se expressam através de histórias passadas de geração para geração, que em sua maioria buscam transmitir ensinamentos ético-religiosos, ou de uma percepção encantada da natureza envolvente.

Contos e imaginário

O imaginário que trabalhamos não se fundamenta numa necessidade urbana de criação de um espaço eco-fictício que se oponha a realidade-urbana, mas ao contrário: o imaginário que trabalhamos se pauta numa reflexão sensível da realidade, numa tradução poética, literária, artística da vida que se vive, onde desejos, deveres, noções de valor, são expressos apresentando assim o caráter coletivo do imaginário. Compreendemos que a espacialidade forjada no território, espaço determinante para um

modo de viver, também comporta em si uma estreita relação com o imaginário social de uma determinada comunidade tradicional, ou seja, o espaço onde se vive, se reproduz e morre, é alimentador e alimentado pelo imaginário.

Dessa forma dialogamos com Darnton (2011), que ao falar sobre os contos de fadas do século XVIII na França indica uma maneira de pensar e ver o mundo de uma população, quando expressam, de forma simbólica, e criativa, as durezas da vida: fome, morte, excesso de trabalho, esperteza, canibalismo. Demonstrando que os contos e as maneiras de narrar traduzem um modo de ser e de ver o mundo em que se vive.

Demonstrando uma operação de resistência política e crítica social, os contos não tinham a função de camuflar as realidades vividas e sua crueldade, mas sim indicar uma trilha um caminho de como se adaptar, se localizar numa sociedade cruel, desigual. Porém, pensamos que os aspectos lúdicos dos contos, se assim podemos dizer, como as fadas, anões, animais se transformando em humanos ou vice versa, não buscam ocultar a realidade vivida, mas indica a maneira fantástica de ilustrar os contos narrados. Mas essa maneira fantástica de ilustrar não é desprovida de uma reflexão, de uma visão de mundo. Pensamos que é de suma importância pesquisarmos a manutenção de elementos narrativos, pois podemos dialogar com visões de mundo forjadas em outros momentos históricos, e que permaneceram presentes até os dias atuais. Acreditamos que essa permanência tem relações com a ideia de natureza elaborada por uma dada comunidade humana, já que as espacialidades das ações mágicas ou metamorfoses de humanos em animais, ou espaços encantados se dá, majoritariamente, em ambientes naturais: florestas, beiras de rio, estradas ermas, morros, montanhas, etc.

Neste sentido os espaços pensados como naturais possuem percepções sociais que revelam e que compõem as narrativas de contos ou causos, lendas. Um desses elementos naturais é a árvore, especialmente aquela que é alta e se encontra em meio a mata. Observamos o signo da árvore nos três contos coletados: um no sul de Minas, outro em Itamarandiba e outro em São Gonçalo do Rio das Pedras, no alto Jequitinhonha. Em dois contos a árvore representa nitidamente a possibilidade de se alcançar o céu e de aprofundar na terra, no infra mundo, e também indica a possibilidade de renovação, novo nascimento, como indicado por Mircea Eliade (1993). Em outro conto a árvore é a base para o elemento principal, um pássaro, em outro conto a árvore indica a interligação e separação de mundos e também sede para um pássaro.

Outro elemento em comum são os pássaros, num tem a função de castigar, de ritualizar, de comer a carne oferecida, em outro tem a função de castigar despojando, despossuindo; em outro é o próprio castigo o alimento que se alimenta.

Temos também a presença da água, do rio, onde se pesca, ou que separa, o que divide, se conecta com o castigo.

Numa das estadias, uma narradora de Aiuruoca contou alguns ‘contos’; um deles marcou profundamente, pela sua complexidade. Mas, antes de passarmos ao conto, cabe dizer que os contos aqui apresentados foram aprendidos com pais, mãe e avós que, nas noites frias de outono e inverno, faziam uma pequena fogueira no chão batido da cozinha, ou em cima de uma pedra, e contavam histórias, sentavam em volta do fogo para ouvir. Hoje, com a chegada da luz elétrica, é quase impossível representarmos esta cena em sua originalidade; mas, só a possibilidade de imaginar esta ‘fogueira’ que aquece e clareia as palavras que formam a coisa contada, leva-nos a pensar na maneira como essas pessoas aprenderam e ouviram o que hoje nos é contado. Principalmente quando pensamos numa recriação escrita desta oralidade.

Vale da morte¹

¹ Conto narrado por D. Lourdes de Aiuruoca (MG).

Um homem ia sempre pescar, mas não estava conseguindo nada, até que um dia saiu uma voz do fundo do rio que falou assim: “Se você mandar a primeira coisa que você ver no meio do caminho de volta para sua casa, para o inferno, você vai pegar bastante peixe.”

O homem se lembrou que sempre quando voltava para casa encontrava um cachorrinho no meio do caminho. Aí o homem falou assim: “Eu mando sim” Ao acabar de falar o rio encheu de peixe, e o homem encheu o seu cargueiro.

Mas, quando o homem estava voltando, em vez do cachorrinho encontrou com o seu filho e ficou muito triste. Ao chegar em casa, a mulher, percebendo a tristeza do marido, perguntou a ele o que tinha acontecido. E ele contou o ocorrido.

O filho dele falou assim: “Não se preocupe papai, que eu vou lutar com o coisa ruim.” Então o filho saiu de casa para ir lutar. Entrou pelo mato adentro e foi andando, parou numa cabana e pediu abrigo. O dono da cabana abrigou o menino. Quando o menino entrou dentro da cabana, viu pendurado nas paredes vários tipos de armas de fogo. O homem perguntou se ele tinha medo, mas o menino falou que não; o menino acabou contando para o homem o que o pai dele tinha feito, e o que ele pretendia.

O homem falou para o menino que depois que ele dormisse (o menino), no outro dia ele pegasse um arreio de couro de vaca, e fosse até a porteira do inferno; a porteira ficaria batendo, mas quando desse meio dia a porteira iria parar de bater e então o menino entraria. Dito e feito; o menino saiu e encontrou a porteira do inferno e quando deu meio dia a porteira parou de bater e o menino entrou, ajuntou em volta dele um montão de sacis; o menino arriou o arreio nos sacis.

No inferno o coisa ruim apareceu, e falou para ele sair. Ali não era, ainda o lugar do menino, e além do mais o menino tinha batido em seus filhinhos (os sacis). Mas antes mostrou para o garoto como era o inferno cheio de tachos quentes com pessoas dentro cozinhando; ele viu seu pai ali que já estava cozinhando, o seu padrinho e o homem que lhe tinha dado abrigo... Ao ver tudo isso o menino saiu do inferno e voltou para a cabana do homem.

O homem perguntou para o garoto como que era o inferno: o menino respondeu que era horrível, que o pai dele já estava lá, o seu padrinho, e falou para o homem que ele também estava lá. – “Eu já estou lá!” Falou o homem. – “Preciso me confessar”.

Ao se confessar com o padre, o padre lhe falou o seguinte:

- Vá para uma árvore bem alta, pegue uma navalha e corte pedaços de seu corpo e deixe que 190 pássaros pretos comam, cada um, um pedaço do seu corpo. Cada pássaro representa a alma de cada pessoa que você matou; quando acabar o seu último pedaço de carne a sua caveira vai para o inferno e sua alma para o céu. Assim falou o padre.

Ao dar seu último pedaço, a sua caveira foi para a terra (inferno) e sua alma subiu para o céu, junto com as 190 almas que ele tinha matado. Se salvaram o homem, as 190 almas e o menino.

O caso de Papior²

Há muitos e muitos anos, no povoado de São Pedro, ali, por trás daquelas montanhas, morava um povo de fé. Tinham muito respeito pelas tradições, e na Semana Santa, ninguém ousava desrespeitar nenhuma regra que era transmitida pelos antepassados. Os mais velhos contavam histórias assustadoras de pessoas que zombavam de Deus, e se davam muito mal. Todos ficavam bem receosos...

Dizia-se: “Meu filho, ou minha filha, com Deus não se brinca!”

Felizmente mesmo nos dias de hoje, em que o mundo sofre da falta de amor, há os que têm temor a Deus, e isso é uma coisa muito bonita de se ver. Esta história fala de um moço que resolveu fazer umas gracinhas e se deu muito... bem, não vamos adiantar os fatos, vamos acompanhar essa história para vermos o seu final...

Joaquim era um homem que não tinha crença em nada! Tudo que contavam pra ele era motivo de deboche, de risadagem frouxa, de alguém que não tinha o menor respeito pelas crendices dos outros.

Um dia disse a mulher:

– Véia! Eu vou caçar hoje!!!

– Valha-me, Deus!!! Homi, deve ser o fim dos tempos que meu bisavô falava... Se esqueceu que dia é hoje???

– Eu lá me importo com isso? Bobajada danada!!! Se tirar seu lenço, nem cabelo foi penteado aí hoje, nem casa você varreu... essa semana eu não comi carne, pois é hoje que eu vou comer... Hoje eu pego qualquer coisa, nem que seja o bicho...

– Homi de Deus, não brinca com uma coisa séria dessas... Valha-me Deus!!! O que será de nós, homi??? Com Deus não se brinca...

² Conto narrado por Noeme Fernandes, coletado e editado numa cartilha como atividade do Projeto PIBID Diversidade/UFVJM, desenvolvido na comunidade Padre João Afonso (CARVALHO, 2012).

O homem, que já estava atentado, lá se foi. Pegou a espingarda e a munição e foi para o mato. Lá chegando, ficou de tocaia, esperou, e nada! Andou de um lado para o outro... e nada!!! Já sem paciência, ia desistindo, quando viu um pássaro preto e grande, muito estranho... Ele não identificou a espécie, mas, mais que depressa, armou a espingarda para dar um tiro certo. Mas ao mirar, para sua surpresa, a ave cantou:

– “Não atire em mim ainda não, Papior! Deixa eu falar primeiro, Papior... Agora já pode atirar, Papior, porque eu já lhe falei, Papior!!!”

O corajoso e destemido Joaquim quase se borrou de medo. Ficou muito assustado e já ia dar no pé, quando se lembrou de sua promessa de caçar até o bicho... imagina que seus amigos diriam... o povo de São Pedro ia comentar pro resto de suas vidas... não, ele tinha que atirar... virou-se e lá estava o bicho em cima da árvore, quietinho, no mesmo lugar... Ele não pensou duas vezes e atirou. Um tiro só, certo.

Quando o pássaro caiu, ele correu até ele para apanhá-lo, e o pássaro novamente cantou:

– “Não me pegue ainda, Papior! Deixa eu falar primeiro, Papior!!! Agora já pode me pegar, Papior! Porque eu já lhe falei, Papior!”

– Que deixa eu falar o quê??? Ocê já tá cantando, eu nunca vi passarinho conversar!!! Nem Jânio da Cida deve ter visto!!! E de passarinho ele entende!

Mesmo com um pouco de medo, que ele tentava despistar para mostrar que era cabra macho, ele pegou o pássaro e levou para casa.

Ao chegar disse cheio de pompa:

– Véia, eu não disse que hoje eu pegava nem que fosse o marvado? Pois aqui tá a prova! Matei de primeira!!! E olha que o bicho não parava quieto, voava de um lado para o outro... Mas muito bom de tiro que sou, acertei logo de cara! Apronta ele aí, que ainda hoje vou comê-lo!

– Valha-me, Deus! Eu não vou aprontar não! Hoje é sexta-feira da Paixão. Apronte você!

– Deixe de besteira, que o bicho já tá morto! Apronta aí!

– Pronto, não!

– Apronta aí!

– Pronto, não!

– Apronta aí, uai!!! Eu já tô ficando nervoso!!! E eu já matei um pássaro, olha que peço mais e mato uma véia!!!

– Valha-me, Deus!!! Meu amor, vou fazer você pecar não! Pronto e já!

E apressada, a mulher levou a mão no pássaro para aprontá-lo. Tamanho foi seu susto, quando a ave cantou:

– “Não me apronte agora não, Papior! Deixa eu falar primeiro, Papior! Pode me aprontar agora, Papior! Porque eu já lhe falei, Papior!”

A mulher desmaiou na hora e o marido, ouvindo o bate no chão, veio logo, já suspeitando do ocorrido, uma vez que não havia lhe contado que a ave falava.

– Vixe Maria!!! Esqueci de avisar a véia que essa ave fala!!! Disse ele, sacudindo a mulher.

– Uai, espera aí, mas se essa ave tá morta, como pode ter falado??? Que estou me assustando de verdade agora! Mas, espere pássaro atrevido, vou lhe mostrar com quantas penas se faz uma peteca.

Encheu o tacho de água e mais uma vez a ave cantou:

– “Não bota a água pra ferver ainda não, Papior! Deixa eu lhe falar primeiro, Papior! Agora já pode botar a água pra ferver, Papior, que eu já lhe falei Papior.”

O homem ficou com tanta raiva, que avançou então para a ave, colocando-a na panela de água quente para preparar. A mulher acordou assustada, assombrada, com os olhos arregalados, mas encheu-se de coragem e pulou em cima da ave, depenando-a, colocou-a na panela, tampou-a cozinhou, cozinhou...

Raivosa, colocou-a na mesa, cheirava gostoso aquela ave esquisita... ficou até parecendo frango caipira, então ela disse:

– Marido, vem comer!!! Eu sei de mim que nem quero provar, tô indo pro moinho tirar fubá.

– Já vou Véia!!! Já vou!!! Aqui em casa quem canta de galo sou eu, e não esse passarinho esquisito... Uai!!! Mas ele até diminuiu de tamanho... pois vou comê-lo de uma bocado só.

– “Não me come agora, não, Papior! Deixa eu te falar primeiro, Papior! Pode comer agora, Papior, porque eu já lhe falei, Papior”

Foi um jantar e tanto, o homem se empanturrou. Em seguida, foi tomado de uma dor de barriga imensa, e gemia de dor... Correu em carreira para o quintal.

Quando ele agachou para fazer as necessidades, ouviu então um canto, que vinha de sua barriga:

– “Não me cague agora, não Papior! Deixa eu lhe falar primeiro, Papior!”

Antes que a ave terminasse de cantar, o homem caiu durinho da silva, ali mesmo. Sua barriga inchou tanto que, de repente, ouviu-se um estrondo, como barulho de trovão...

Ouviu-se em São Domingos, Divino, Socorro, Burlantins, Desejada, Cachoeira. Pau arrancado, Conceição, Carneiros, Taquaraçu, ouviu-se longe, longe...

E até hoje conta-se esta história... pra mostrar que não se deve brincar com coisa séria!

A voz que vinha do ‘cupim’³

Era um casal que tinha uma fazenda. Tinham uma fazenda, tinham muito gado. E sempre o homem ia campear o pasto dele ali, campear o gado. Numa ocasião ele passou por um cupim, e uma voz falou com ele:

– Moço você quer no presente ou no futuro? Ele ficou calado não respondeu nada.

Aí passou, e campeou por outros lugares, deixou esse lugar assim... passou mais tempo sem passar por aquele lugar. Aí precisou de campear por esse lado, aí quando ia passando perto do cupim a voz:

– Moço você quer no presente ou no futuro?

Aí ele chegou em casa meio triste, a esposa falou:

– Ô marido, o que é que você tem? Está meio esquisito...

– Nada não mulher, nada não.

Quando foi de noite, ele não tava dormindo, aí a mulher falou:

– Você tem qualquer coisa, você não tá dormindo, tô notando que você está preocupado. Fala o quê que é?

– Já por duas vezes eu passo naquela altura do pasto, sabe? Ela disse: – Sei.

– Lá agora tem um cupim que tá saindo uma voz falando comigo assim: – “Ô moço, qual que você quer? Ou no presente ou no futuro?”

Ela perguntou: – O que você responde? Ele disse: Ainda não respondi nada, o que respondo? Ela disse: – Pode ir lá e falar: “você responde no presente”. Porque se for alguma coisa que vai acontecer com nós no presente nós temos mais saúde para resistir.

Aí no outro dia ele montou e foi, foi passando perto do cupim e a voz:

– O moço o quê que você quer? No presente ou no futuro? Ele falou:

– No presente! Pronto. Aí campeou.

Quando ele chegou em casa só achou a mulher, que deu tempo de tirar... porque naquele tempo falava: “Trouxa, a carteira de dinheiro e os dois filhos que tinham né, só!”

Dos pastos com gado, casa... tudo foi queimado, foi um incêndio, assim, triste, tudo queimando.

Quando ele viu quase que enlouqueceu. A mulher falou assim:

– Tô esperando você chegar, para nós sair pelo mundo, não tem como, não tem casa, tem um terreno mas a criação tá tudo queimado. E nisso deu tempo só de tirar a trouxa e o dinheiro, então pronto!!!

Aí ela disse:

– Vou sair, vou andando para... não tinha nada.

Vai andando a mulher com a trouxa na cabeça, os dois filhos e ele. Ela vai andando, andando.

Quando chegou perto de um rio, um rio largo que não dava pé. Tinha um canoeiro que fazia embarcação de um lado para o outro. Nesse rio tinha uma árvore que pendia a galha por cima do rio, eles chegaram na beira do rio, do lado fundo. Daí a pouco chegou uma águia. Aí a águia veio voando, pegou a trouxa da mulher, pousou em cima da gaia que pendia por dentro do rio, a águia deixou a trouxa lá em cima do galho da árvore. E o dinheiro estava por cima da trouxa, amarrado nela. Diz que a águia foi tirando peça por peça, peça por peça. E ele (o marido) falou assim:

– A hora que cair a carteira de dinheiro que nós vamos passar fome!

A águia foi tirando e foi jogando, foi jogando, tirou tudo. A carteira de dinheiro caiu na água. O canoeiro morava do outro lado do rio. Nem dinheiro para atravessar o marido não tinha mais.

Pronto! Aí o marido ficou aquele instante ali pensando, chorando, sem saber que ia fazer. Ele gritou ao canoeiro, para atravessar eles, ele pediu por caridade, mas que não tinha nada para pagar. O canoeiro vivia da sua profissão, mas aceitou em atravessar o marido e sua família. Aí, quando eles entraram na canoa, que chegou no meio do rio, esta canoa virou. Aí caiu, mulher com o homem e filhos, tudo dentro d’água. E nisso eles se separaram, naquela hora.

Cada um sabia nadar, cada um nadando o rio muito largo, cada um nadando para um lado. Pronto! Meninos nadou pra um canto, mulher pra outro, acabou...

Aí o homem nadando chegou numa cidade, acampou lá, ranchou numa cidade. Pediu serviço, foi trabalhando, trabalhando, trabalhando, até trabalhando para um Rei na cidade. Ele muito bom, assim, trabalhador. Até o Rei já estava bem idoso, e gostou muito desse homem. E falou com ele:

³ Narrado por D. Helena de São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro (MG).

– Olha quando eu morrer vou passar a coroa, minha coroa, meu cargo para você, você é muito trabalhador, eu gostei de você. Não tenho família, não tenho, aí vou passar para você a coroa. Ele já fazia tempo que estava lá, não tinha mais notícias dos filhos e da mulher.

Aí passou, ele ficou com o cargo do Rei, reinando nessa cidade lá. Muito bom, assim, caridoso, pessoa muito dedicada. Aí todo mundo gostando dele. Está passando o tempo, passando o tempo, anos e anos. A mulher estava em outra cidade, trabalhando e trabalhando, vai e sai, até que chegou nessa cidade, muitos anos depois, chegou lá.

Trabalhou lá, trabalhando, trabalhando, nessa cidade. Um dia, num domingo, ela tava lá, já tinha conhecido mais pessoas, já tinha feito amizade, tava conversando com as amigas dela na rua, num domingo, em frente ao palácio do Rei. Ela tava lá contando o seu caso do princípio ao fim. O Rei tá lá na janela olhando, quando ela terminou o caso, ele mandou o guarda dele chamar ela. Chamou ela, ela assustou muito, o guarda falou: – Não, a senhora não assusta, não. Não falou nada da senhora, só mandou chamar a senhora.

Aí ela chegou lá. Ele disse:

– Não precisa você temer não. Eu quero que você conte o caso que você estava contando para suas amigas. Aí ela contou. Ele disse: – Eu quero do princípio ao fim. Aí ela contou até a altura do rio quando a canoa virou. Aí ele disse:

– Você é minha esposa, porque eu estava lá. Ela não acreditou. Ele disse: – Não, você é minha esposa, cadê os meninos, ela disse que não sabia que depois daquela hora que a canoa virou, se separaram e já tem muitos anos separados, sem notícias...

Ele falou:

– Você vai lá no serviço...agora você vai ser minha rainha aqui. Você é minha esposa. Ela não acreditava ainda, mas aceitou e ficou. Ela falou:

– Tomara que encontremos nossos filhos, tomara...

Aí os meninos já eram rapazes, eles dois assentaram praça, aí ficou. Andaram por um lado, por outro. Até que foram mandados para essa cidade, isso no decorrer de anos.

Bom, tá lá nessa cidade polícia. Aí um dos meninos vai num domingo, um dia demais, um dia de folga, tá lá contando. Já tinha assim amizades, conhecimento, contando para um amigo dele, e também na frente da janela do Rei, o negócio tá sempre acontecendo em frente do palácio. Acabou de contar o Rei mandou chamar ele. Coitado ele assustou tanto. Naquele tempo quando o rei mandava chamar uma pessoa assustava.

Aí chegou lá o rei disse:

– Conta a história que você estava contando, eu quero do princípio ao fim. Aí ele contou tudo. Aí o Rei levantou e abraçou: – Ô meu filho, hoje chegou o dia né, essa é a sua mãe, faz pouco tempo que nós nos encontramos, depois daquele dia. Abraçou ele: – Meu filho Antônio, cadê José?! – José também está aqui?

– Tá, manda chamar José.

Chegaram os dois, que benção, né. Todos os dois filhos, os dois já formados, né, bonito meu Deus!!!

Dizem que foi abraços, mais abraços, lágrimas de satisfação desse encontro né, desse encontro que há muitos anos. Aí a mulher falou assim: – Oh, foi bom falar no presente né, porque se fosse no passado, nós já távamos velhos, não conseguia encontrar mais a família né!

Aí ficou a mulher sendo rainha, dois filhos príncipes, aí foi aquela satisfação de encontrar a família, reunir a família toda. Aí, meu Deus, ficou ele Rei muito tempo passando, pensando, não sabia o que fazer com tanta emoção.

Aí a mulher falou:

– Pois é, nós ainda vamos ser feliz, mas ser feliz porque temos ainda, nós somos novo, ainda tem muito para a gente apreciar.

Aí diz que fez uma festa, mas uma festa que foi... essa festa a semana inteira. Aí convidou outras cidades, assim para assistir aquela festa do encontro da família e nisso foi muitos dias de festa, muitos dias de comidoria de doce, muito doce. Então até eu mais a minha avó, né, fomos convidadas. Não sabe, mas a gente naquele tempo né, não podia, e também a gente não tinha uma roupa suficiente, para ir numa festa badalada. Então nós desejamos para eles muita saúde e muita paz e felicidade, eles estão vivos, até hoje estão felizes. (FIM)

Pensando os contos

Os contos refletem uma percepção do mundo, pensamento que no seu processo ‘histórico’ optou, se assim podemos dizer, por uma maneira oral de refletir sua vida e a comunicação da mesma. Nosso objetivo se expressa numa busca de elementos teóricos e etnográficos que nos deem respostas sobre a maneira como se processou este

pensamento, e como este mesmo pensamento interage com as outras maneiras de se representar e pensar a vida. Achamos que esta preocupação tem que ser percebida quando se pretende transcrever contos orais, transformando-os em escrita.

Neste sentido tentaremos desenvolver, ou melhor dizendo, apresentar uma leitura do conto, não no sentido de responder todas as perguntas feitas, mas com a intenção de pensar o conto como um elemento que revela uma leitura humana do mundo envolvente (natureza) como também do mundo social.

O homem intervém na confusão do universo; aprofunda, reduz, congrega; reúne os elementos conexos, separa, divide, decompõe e repõe o essencial em pequenas pilhas. As diferenças ampliam-se, o equívoco é eliminado ou então devolvido à univocidade. Pelo desenvolvimento da explicação e o cercamento da classificação, chega-se, pois às formas fundamentais. (JOLLES, p.29)

Segundo este mesmo autor o conto se congrega às formas simples, que poderíamos denominar como uma forma fundamental (no sentido acima colocado), como uma experiência humana de ordenamento do mundo que se processa através da linguagem, a linguagem como processo de dominação.

Em primeiro lugar, a linguagem atribui um nome a tudo o que foi cultivado, fabricado, interpretado. Depois - e mais profundamente -, a própria linguagem é um princípio de cultura, de fabricação e de interpretação, na qual se produz, com a maior especificidade, a vinculação a uma determinada ordem. (IDEM, p.25)

Compreendemos que todo este processo da linguagem se dá no social, no desenvolvimento histórico do homem, e nas suas relações com a natureza, e a natureza como elemento paradigmático, que comporá uma ordem, uma organização do macrocosmo como também do microcosmo. Assim sendo, a linguagem não se desvincula do histórico/social, e as suas várias formas também dependem deste mesmo processo. “[...] *as histórias pertencem sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos, com perdas notavelmente pequenas.*” (p.32)

O narrador (cantor) cria seu texto ao narrá-lo fazendo novos caminhos através de velhos temas (a diversidade na forma de narrar uma mesma história).

[...] as tradições orais parecem ser tenazes e altamente duráveis quase em toda parte, entre os povos sem escrita. Também não se desmantelam com sua primeira exposição à palavra impressa. Apesar da afirmação de Jack Goody, de que uma linha de alfabetização corta toda a história, dividindo as culturas orais das “escritas”, ou “impressas”, parece que a narrativa tradicional de contos pode florescer muito tempo depois do começo da alfabetização. [...] não há nada extravagante na ideia de que os narradores camponeses no fim do século XIX, na França, contavam histórias um ao outro de maneira bastante parecida com a dos seus ancestrais, de um século antes, ou mais. (JOLLES, p.35)

O conto possui em si um elemento ético, que deve conduzir as relações dos homens consigo mesmos e também com o mundo natural; a quebra desse preceito ético vincula-se ao desequilíbrio entre essas relações. E quem ordena essas relações é a consciência religiosa e, no caso do conto, um cristianismo popular que se abre ainda

para outros elementos religiosos e de cunho natural como a árvore, os pássaros e a própria floresta, como um *locus* que abarca a existência do mal, no nosso caso o demônio (pode ser que essa leitura da floresta como um lugar do mal esteja associada ao processo de domesticação de certos elementos da natureza, principalmente com o advento da agricultura, a floresta representaria assim um local ainda não dominado e dessa forma possuidor de perigos reais e imaginários, mas mesmo assim necessária para a sobrevivência humana).⁴

O próprio senso comum é uma elaboração social da realidade, que varia de cultura para cultura. Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, expressa a base comum de uma determinada ordem social. Portanto, para reconstituir a maneira como os camponeses viam o mundo, nos tempos do Antigo Regime, é preciso começar perguntando o que tinham em comum, que experiência partilhavam, na vida cotidiana de suas aldeias. (IDEM, p.38-39)

O castigo para essa quebra de equilíbrio seria a condenação ao inferno, e há no conto três quebras de equilíbrio: a do homem que pesca além do necessário e oferece a vida de um animal (do cachorrinho) em troca dessa pesca. E a do homem que devia cento e noventa mortes. Mas quase todos os pecados são perdoados; contudo, para tanto é necessário um sacrifício humano e terreno. O homem que devia cento e noventa mortes, ao saber que já estava condenado no inferno, buscou uma solução ainda em vida, para fugir do seu castigo eterno, e para tanto necessitou de elementos da natureza para se salvar; o seu sacrifício por si mesmo não bastaria: era necessário compensar as mortes, realimentar os mortos⁵ (as suas almas) com a sua própria carne e vida. As almas habitam corpos de pássaros; o homem para realizar tal ritual teve que subir em uma árvore; a árvore como elemento mítico que se liga aos céus e as profundezas da terra, simbolicamente representando a morada de Deus e do Diabo, um eixo-mundi, segundo Elíade:

Para a mentalidade arcaica, a natureza e o símbolo coexistem. Uma árvore impõe-se à consciência religiosa pela sua própria substância e pela sua forma, mas esta substância e esta forma devem o seu valor ao fato de que se impuseram à consciência religiosa, de que foram “escolhidas”, quer dizer, se “revelaram”. Nem a fenomenologia da religião nem a história das religiões poderiam superar a constatação dessa coexistência da natureza e do símbolo que a intuição do sagrado vem valorizar. (ELÍADE, 1993, p.216).

Assim a árvore serve para pensar, e ela se impõe pelo seu simbolismo, simbolismo este que é “...validado por uma antologia: se a árvore está carregada de forças sagradas, é porque é vertical, é porque cresce, é porque perde folhas e as recupera, porque, por conseguinte, se regenera (“morre” e “ressuscita”) inúmeras vezes, porque tem seiva, etc.” (IDEM, p.217).

Acreditamos também que a simbologia da árvore, no que se refere ao conto, esteja associada à ideia de compensação, ao ser escolhida como o local do sacrifício pois o “...princípio de reciprocidade, aplicado às relações globais do grupo com o mundo exterior, se aplica a qualquer sociedade, do passado e do presente, e que na origem do conceito de trocas está a noção de sacrifício.” (CARVALHO, 1979, p.16)

⁴ É claro que esta é uma análise superficial, no que se refere ao cristianismo popular, e não cabe aqui um aprofundamento do assunto, pois demandaria uma outra ordem de leituras e objetivos.

⁵ Haveria aqui uma noção de um ritual antropofágico? Pois (parece) as partes do corpo do homem seriam uma maneira das próprias almas recuperarem a sua própria ‘materialidade corporal’, que de certa forma se incorporou no homem que devia estas cento e noventa mortes.

Neste sentido o próprio ‘coisa ruim’ não poderia ficar sem nada, e dessa forma a caveira desce para o inferno enquanto a alma vai para o céu. O homem que pescou demais (o pai do menino) não teve jeito: foi para o inferno o seu pecado não teve perdão pois ele barganhou⁶ vidas não humanas.

Os contos contados por seus narradores não são simplesmente um amontoado de palavras ou um devaneio simples e pueril que se passa de mãe para filha, é antes de tudo uma prática social, onde a linguagem para existir necessita de dois elementos: o que escuta e o que conta. A figura do narrador, é aquele que realimenta o conto e trabalha dentro da sua fluidez e da sua maleabilidade; para tanto se faz necessário o ato da experiência do vivido. Assim a prática de narrar, além de vincular-se profundamente ao prazer, também representa uma transmissão de conhecimento, e tal conhecimento só se estrutura com a possibilidade da experiência.

AGRADECIMENTOS

Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), APQ 02797-14/2014. Fundaepe, PRPPG/PROEXC/UFVJM.

REFERENCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não. O novo espírito científico. A poética do espaço.** Seleção de Textos, PESSANHA, J.A.M. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** São Paulo: Duas Cidades, 1975.

CARVALHO, Marivaldo A, et all. **Cartilha Contos e Causos Educam: Contadores e contadoras da Comunidade Padre João Afonso, imaginário e educação.** Projeto PIBID Diversidade/UFVJM, Gráfica UFVJM, 2012.

CARVALHO, Silvia Maria Schmuziger de. **Jurupari: estudos de mitologia brasileira.** São Paulo: Ática, 1979.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa.** São Paulo: Editora Graal, 2011.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: Hucitec, 1996.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010.** Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf>. Acesso em: mai. 2016.

⁶ O homem trocou pelo montante dos peixes a vida de um cachorrinho que ele tratou com desprezo, e foi só pelo fato de ele sempre encontrar o cachorrinho pela frente que ele aceitou a barganha com o ‘coisa ruim’, colocando-se assim como superior ao animal, por ele já domesticado.

JOLLES, André. **As formas simples: legenda, saga, mito, advinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste.** São Paulo: Cultrix, sem data.

LENOIR, Remi. **Objeto sociológico e problema social.** In: Champagne, Patrick. Iniciação à prática sociológica. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIMA, Maria José Araújo. **Ecologia humana: realidade e pesquisa.** Petrópolis: Vozes, 1985.

TAUNAY, Afonso E. **Relatos sertanistas.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

Recebido para publicação em 7 de julho 2018
Aceito para publicação em 6 de setembro de 2018